

TRANSVERSALIDADE, BIOÉTICA E COMPLEXIDADE: CONSIDERAÇÕES ACERCA DE UMA METABIOÉTICA

Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes

Resumo

A idéia central deste texto é de discutir as condições de compreensão da bioética, a partir da hipótese de um quadro referencial que residiria no próprio entendimento do conceito. Assim, o texto inicia por uma análise da compreensão do conceito, para depois apontar para um quadro referencial derivado do mesmo, e, finalmente, apresentar a idéia de uma metabioética, enquanto uma perspectiva de compreensão da bioética que pode ser estruturada a partir do princípio da complexidade, aplicado às Ciências Humanas (Morin), e fundamentado na concepção do pensamento transversal (Deleuze/Guattari).

Abstract

The central idea of this article is to discuss the conditions of bioethics comprehension from a referential picture hypothesis that it resides in its own conceptual understanding. Thus, this articles starts with a conceptual comprehension analyzes, and then it looks for a referential picture of concept; and, finally, it points out an idea of metabioethics while a comprehensive perspective of bioethics that it can be structured by the complexity principle applied to the Human Science (Morin). It is also founded on the conception of transversal thought (Deleuze/Guattari).

Princípios Ano 04, n 05, p. 29-40, 1997

Considerações iniciais

Chegar perto de idéias assim é como montar uma vassoura de bruxa. Eu já não era mais o mesmo homem ...
(Deleuze, apud Alliez, 1995, p. 11).

Longe de ter a ambição de constituir um saber sedimentado, tão característico do *rigor mortis* que o conhecimento apresenta nas hostes da Academia, este texto prima, antes de tudo, pela ousadia aventureira do pensamento nômade, o mesmo que caminha por terras hostis e ignotas, apropriando-se do que lhe é oferecido, através de continentes em busca do novo; este novo que é tão conhecido como as verdades mais óbvias, mas que, por ser assim, permanece desconhecido, ignorado pelos “acadêmicos” nas margens do pensar.

A margem das margens, longe das fronteiras cognocionais e dos empedernidos vigilantes de plantão, este texto, inspirado num *espírito bricoleur*, é um mosaico que atravessa a diferença dos seus fragmentos. E, na sua própria cartografia, desenhando uma totalidade da composição, produz o diferente, através dos labirintos do pensamento, que segue pelos caminhos da transversalidade, em busca de uma passagem que conjugue complexidade e bioética numa mesma dimensão.

A idéia de uma metabioética, implícita no título e desenvolvida ao longo do texto no entrelaçamento das suas próprias considerações, revela uma tentativa, não raro ousada, de pensar a bioética como um conceito¹ transversal que a partir de si abre-se para uma nova dimensão compreensiva. Entender então esta transversalidade do conceito constitui então o primeiro passo deste texto que, em torno da composição da idéia de uma metabiótica, conjuga os níveis da fundamentação filosófica e do estatuto epistemológico, num topografia de idéias e perspectivas, reunidas nos diferentes planos de um mesmo *topos*.

Superfície de enlace do *ethos* com a *epistême*, a transversalidade da trama conceitual, guarda o fio condutor do texto que delimita no labirinto das idéias, o lugar de análise da metabioética nas esferas e núcleos de problematização da própria bioética, que se coloca então sob o paradigma

do pensamento complexo. A complexidade caracteriza o *aporte* referencial da investigação que permite configurar a metabioética sob a perspectiva de um sistema aberto de “metapontos de vista”, o qual possibilita vislumbrar o horizonte de um *corpus* teórico estruturado simultaneamente no campo epistêmico da articulação das esferas segmentalizadas da bioética; e no campo filosófico, do desafio da compreensão ética para além do normativismo estrito da regulação técnica ou moral.

Assim, o texto deixa um alerta ao leitor, que apesar do seu esforço por uma maior objetividade, muito ainda permanecerá implícito ou por construir, na medida em que, a sua idéia emerge da latência da trama dos conceitos na sua própria tessitura. O texto lança-se no desafio do pensar.

Por uma compreensão de transversalidade

A necessidade de relacionar, relativizar e historicizar o conhecimento não traz somente coações e limitações, também impõe exigências cognitivas fecundas.

(Morin, 1996).

A transversalidade, enquanto uma forma de designação de um certo tipo de abordagem epistemológica¹, caracteriza um olhar oblíquo sobre o objeto que o dimensiona na sua multiplicidade. O olhar atravessa a compreensão do objeto, no campo intensivo das significações possíveis. E, sob o aspecto da construção do conceito, este último aparece como uma “superfície”, que na sua forma apresenta um “estado de sobrevôo”, circunscrito à cifra dos seus componentes aos seus limites, e às pontes que se delineiam.

O conceito como forma de compreensão do objeto “não tem outro objeto senão a inseparabilidade de variações distintas” (Deleuze/

¹ Nesse ponto é necessário explicitar que a transversalidade aparece como uma expressão da transdisciplinaridade, enquanto uma forma de estruturação desta última, que se coloca no plano do pensamento, sob o aspecto da construção do conceito, localizado na fundamentação da perspectiva de abordagem transdisciplinar.

Guattari, 1992, p. 33). Na sua configuração o objeto se traduz na forma do conceito, como o “acontecimento” que o conceito diz, enquanto um ato do pensamento, expressão da multiplicidade de uma região do real.

Assim, o conceito talha e retalha o “acontecimento” na sua forma e à seu modo, na medida em que o próprio conceito se apresenta como uma totalidade fragmentária², ao mesmo tempo, absoluto e relativo: absoluto, na dimensão do seu todo, isto é, da condensação que opera no real, da contextualização que demarca o plano da sua problematização e das condições que impõe ao problema; relativo, na dimensão da sua própria estrutura, fragmentária nos seus próprios componentes, nos outros conceitos que interrelaciona, no lugar que ocupa no seu plano de abordagem e nos supostos problemas os quais deva resolver.

A transversalidade como um olhar oblíquo, caracteriza então o olhar do conceito que se abre à multiplicidade do real como um múltiplo do “acontecimento” que traduz o seu próprio objeto. Nessa medida, o conceito não é proposicional; não se refere à correspondência de um estado de coisas ou às suas condições de relação. Ao contrário, o conceito é intensional, ou seja, uma intensidade, um ponto de coincidência ou condensação dos seus próprios componentes, uma heterogênese ou ordenação de variações por zonas de vizinhança, que caracteriza o caráter singular da sua expressão frente ao real. Nesse aspecto, cabe ainda lembrar que, como forma de articulação dos diferentes planos do real, “os conceitos são centros de vibrações, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros (...) [É] por isso que tudo ressoa, em lugar de se seguir ou de se corresponder” (Deleuze/Guattari, 1992, p. 35).

Na sua forma de apresentação singular, o conceito não deixa de ser conhecimento, mesmo não tendo um caráter proposicional ou descritivo. O conceito é conhecimento na medida em que, na sua estrutura

² Sob esse aspecto cabe salientar a advertência de Deleuze e Guattari (1992, p. 35-36) ao assinalar que: “Os conceitos como totalidades fragmentárias, não são requer os pedaços de um quebra-cabeças, pois seus contornos irregulares não se correspondem. Eles formam um muro, mas é um muro de pedras secas e, se tudo é tomado conjuntamente, é por caminhos divergentes. Mesmo as pontes, de um conceito a um outro, são ainda encruzilhadas ...”.

intensional, o conceito é conhecimento de si. Pois o seu objeto é o “puro conhecimento”, ou seja, a construção sobre um plano, o qual lhe autonomia de existência na relação imanente que ele mantém com o real. Assim na estrutura intencional do conceito, não se descarta a dimensão da verdade. Uma vez que a verdade é aquilo que advém das condições de criação do conceito, na forma do contorno, configuração ou construção de um “acontecimento”.

O que parece indireto no olhar conceitual, compreende então uma lógica do sentido³ própria, que se clarifica no atravessamento do conceito desenhado nos múltiplos planos do real. A transversalidade é o que passa de través, como uma série de “parentescos colaterais” que se criam nas bordas dos conceitos, dentro de uma perspectiva do *devir*, característico do próprio conceito.

Todo conceito bifurca sobre outros conceitos, tendo um número de componentes finito e naturezas distintas. Cada componente de cada conceito constitui diferentes regiões de um mesmo plano do real. E sendo cada componente conceito, estendem conjuntamente problemas conectáveis. De tal modo que, “o conceito define-se pela inseparabilidade de um número finito de componentes heterogêneos percorridos por um ponto em sobrevôo à velocidade [movimento] infinita” (Deleuze/Guattari, 1992, p. 33).

Assim, a perspectiva da transversalidade, articula a partir da fundamentação filosófica do olhar conceitual, constitui a justificativa epistemológica do corte transversal na dimensão dos diferentes campos do conhecimento, sobre a base interconectiva que esses campos estabelecem entre si, no jogo conceitual próprio à característica da construção do conceito. Onde, num mesmo conceito existem componentes vindos frequentemente de outros conceitos, os quais se reportam à outras problematizações e supõem outros planos. De forma que, a própria construção do conceito abre-se à transversalidade entre os diferentes campos do conhecimento. E tal como ainda assinala Deleuze

³ Nesta acepção a lógica do sentido tem a conotação de estrutura de expressão do real, do movimento e do pensamento que caracteriza a dimensão oblíqua do olhar conceitual.

e Guattari (1992, p. 30): “cada conceito opera um novo corte, assume novos contornos ...”.

A fundamentação filosófica do conceito, com isto, serve de base à configuração do estatuto epistemológico da transversalidade, a partir dos modos de ideação do conceito e da sua formação em rede, que também se encontra no paradigma do pensamento complexo. Este último considerado aqui sob a noção-chave de “sistema aberto”, necessária à concepção primordial da complexidade, no âmbito de compreensão dos seus próprios objetos. Onde, por fim, a transversalidade caracteriza a estrutura da abordagem complexa nos seus três princípios fundamentais de compreensão (Morin, 1994, p. 141-148):

(1) no *princípio hologramático* - da composição da imagem em pontos que contém em si a informação do conjunto - relacionado à formação estrutural da totalidade fragmentária do conceito;

(2) no *princípio da recursividade* - do retorno do efeito na sua forma causal à causa que o produz - inferido da dinâmica e tessitura da rede do conceito; e

(3) no *princípio dialógico* - da unidualidade ou de duas lógicas reunidas, sem que a dualidade se perca na unidade - imanente ao plano da construção do conceito no seu dimensionamento frente à multiplicidade do real.

De modo que, a transversalidade do conceito se faz presente no primeiro “mandamento” da complexidade, ou seja, da “validade mas insuficiência do princípio de universalidade” como um “princípio complementar e inseparável de inteligibilidade a partir do local e do singular” (Morin, 1994, p. 254).

A idéia de uma metabioética

Fica em suspenso (...) a questão do estatuto da necessidade segundo a qual o princípio geofilosófico de contingência deve se contrapor ao tempo da ciência e as ‘séries’ do progresso científico colocados sob o regime de uma razão necessária.

(Alliez, 1995, p. 31).

A idéia de uma *metabioética* aparece na transversalidade dos campos da bioética e da complexidade, a partir da perspectiva de um *metaponto de vista*, no qual “nenhum sistema cognitivo poderia se conhecer exaustivamente, nem validar-se completamente a partir dos seus próprios instrumentos” (Morin, 1996, p. 20). A bioética, tomada dentro deste referencial complexo, supõe na constituição do seu próprio conhecimento, os princípios de indeterminação e de incompletude que caracterizam a diversidade dos seus modelos de compreensão (Engelhardt, 1995, p. 30). Esses modelos apontam no seu conjunto para um “sistema de metapontos de vista”, como uma estrutura presente na dupla aptidão do “conhecimento do conhecimento”, de tratar-se como objeto e considerar-se a si mesmo a partir de uma segunda instância de reflexão (Morin, 1996, p. 20). De tal forma que, a transversalidade dos horizontes bioético e complexo se estabelece a partir do próprio estatuto epistêmico, da condição epistemológica do “metaponto de vista” do conhecimento, que permite uma aproximação desses campos na abordagem das suas próprias condições de compreensão.

Tal como Morin apresenta (1992, p. 83), a idéia de um *metaponto de vista* não se refere a busca de um ponto de vista superior ou fixo mas, ao contrário, emerge da dialógica e da recursividade das dimensões de estruturação do campo do conhecimento no seu esforço de auto-compreensão. Aplicada à autocompreensão da bioética a idéia caracteriza uma entrearticulação das suas diferentes instâncias constitutivas, numa dialógica de pontos de vista, onde a recursividade de uma instância à outra demarca o *metaponto de vista* a qual cada uma tenta referir-se. Deste modo, a idéia do metaponto de vista, como uma condição epistemológica do campo de conhecimento da bioética, possibilita na sua própria estrutura a apropriação metodológica da bioética pela complexidade, a partir de uma abordagem transversal da configuração dos campos interconectáveis no seu contorno, possível desde uma perspectiva ampliada de compreensão da bioética, no seu *locus* de delimitação. Isto é, “o lugar virtual, mas disciplinado, do encontro das dificuldades emergentes no tocante às modalidades modernas da vida humana” (Lepargneur, 1996, p. 15 - grifo no original).

A compreensão da bioética; como um *lugar de disparidades posicionais*, em que o seu conteúdo varia com o tempo (Lepargneur, 1996, p. 15); possibilita com essa idéia uma perspectiva ampliada no sentido de uma *metabioética*, ou da ultrapassagem dos “cânones”⁴ da disciplina, enquanto um nível de reflexão dos pressupostos, que se encontram nas variações da configuração do campo nacional dos seus princípios fundamentais e concepções. Pressupostos como *vida, corpo, pessoa*, que constituem eixos transversais na compreensão do campo do conhecimento bioético. E que são ao mesmo tempo eixos interpretativos, implícitos na dimensão da estruturação nacional dos princípios e concepções, no campo da construção das imagens no plano simbólico da subjetividade, que se efetiva no horizonte normativo das perspectivas de articulação temática.

Nesse aspecto, cabe ainda salientar aqui, que a perspectiva da *metabioética*, tal como se apresenta, constitui um outro nível de compreensão no quadro das distintas esferas de problematização da bioética nos níveis *micro, meso e macro*⁵ (Mainetti, 1991, p. 19). A metabioética compreende neste gradiente os demais níveis, no plano do entrecruzamento recíproco dos mesmos, através da recursividade dialógica que eles

⁴ O emprego do termo *cânone* não denota o sentido ordinário de um conjunto de regras geralmente proibitiva, na medida em que este artigo não pretende participar da polêmica em torno da fundamentação ou não da bioética. Assim, o mesmo considera o *cânone* como parâmetros de configuração temática que caracterizam o quadro referencial específico do campo de conhecimento bioético.

⁵ A *microbioética* compreende a ética médica *stricto sensu*, onde se tematiza: os aspectos morais da relação terapêutica, no contexto dos direitos e deveres do médico em relação ao paciente; e a eticidade na atenção à saúde bem como o direito a mesma e a política de recursos.

A *mesobioética* compreende as intervenções biomédicas sobre a vida humana desde o nascimento até a morte; o que abarca temas como genética, aborto, experimentação humana, transplantes, morte, etc ...

A *macrobioética* envolve a ética planetária ou específica em torno de temas como a problemática ambiental, populacional, nuclear-estratégica ou dos limites morais da investigação científico-tecnológica.

estabelecem entre si. De modo que, por exemplo, os aspectos morais específicos da relação terapêutica médico-paciente se entrelaçam com a dimensão da intervenção biomédica na vida humana individual e, sob o aspecto da experimentação humana, esta também se entrelaça com a dimensão mais ampla dos limites morais da investigação científica ... e assim reciprocamente em cada dimensão. Onde, na base desta rede de múltiplas recorrências, contrastes e complementaridades, está a noção de corpo como uma construção imagética que perpassa obliquamente todos os demais núcleos de problematização.

De outro modo, no plano de compreensão ética da bioética, a perspectiva ampliada da *metabioética* se estrutura a partir do horizonte de uma “ética das verdades” (Badiou, 1995), isto é, do animal humano convocado a se tornar sujeito pelas circunstâncias de uma verdade, as quais abrem campo à produção de novos saberes, atravessando os estabelecidos e heterogêneos a ela. Campo no qual é preciso supor que, “o que convoca à composição de um sujeito está *a mais*, ou sobrevém as situações como aquilo de que essas situações e à maneira usual de nelas se comportar não podem dar conta” (Badiou, 1995, p. 54)⁶.

Nesse sentido, a *metabioética* amplia o conteúdo de uma simples “ética descritiva”, ou da descrição fática das crenças e comportamentos morais; a partir do horizonte de uma “ética das verdades”. O mesmo que aponta para uma dimensão fundamental, constitutiva do sujeito, situada dentro do campo de problematização da bioética, no âmbito filosófico-antropológico da relação Natureza e Cultura que lhe é inerente.

⁶ Embora Badiou considere a bioética dentro do quadro das tendências intelectuais do nosso tempo que “no melhor dos casos são variantes da antiga prédica moralizante e religiosa, e, no pior [uma] mistura ameaçadora do conservadorismo e da pulsão de morte” (1995, p. 97). A *metabioética*, mesmo assim, compreende um *horizonte ético* de uma “ética das verdades” na medida em que para a *metabioética*, a bioética é tomada no sentido problemático da sua compreensão e não como uma perspectiva fechada, tal como Badiou a apresenta, dentro de uma interpretação prescritiva da mesma. E, do mesmo modo, o horizonte de uma “ética das verdades” permite salientar as dimensões do singular e do múltiplo na problematização da própria bioética.

O redimensionamento da “ética descritiva” se dá a partir da perspectiva na qual a evolução da sociedade produz e altera valores e normas, assim como os seres vivos se desenvolvem em função das condições da sua própria existência (Sgreccia, 1996, p. 69-70). A partir desta perspectiva, a *metabioética* amplia o seu campo, no âmbito do exame das condições subjacentes à produção e transformação dos valores, sob a dimensão complexa do caráter singular da subjetividade, dentro do contexto das configurações culturais da sociedade que ultrapassam um tipo de compreensão funcionalista. O que, no horizonte da problematização específica da bioética, aponta para uma dimensão constitutiva do seu horizonte ético, no plano fundamental da construção das imagens, que se coloca na esfera da estruturação e produção de códigos e significados pela subjetividade, a partir da relação Natureza e Cultura.

Deste modo, a proposta de uma perspectiva *metabioética* se encontra nas próprias condições de compreensão ético-descritiva da bioética e no redimensionamento da sua abordagem. Onde a bioética é considerada sob uma ótica ampliada do seu contexto de problematização, nos aspectos emergentes da subjetividade e da cultura, que se interrelacionam dentro de um quadro de recorrência do todo à parte e vice-versa, o qual revela a construção das imagens pela subjetividade como a dimensão dialógica destas duas esferas, na configuração de um campo nacional; eixo da investigação metabioética.

A bioética compreende no seu contexto de problematização, um quadro de fragmentação da cultura contemporânea, o qual reflete o colapso da moralidade canônica frente à diversidade das narrativas morais conflitantes (Engelhardt, 1995, p. 19). Tal quadro expressa simultaneamente o *espírito do seu próprio tempo* (Hegel, 1992, p. 62)⁷, presente nos profundos desacordos quanto a concepção de uma *bioética secular*⁸.

⁷ Cf. § 72. “Vivemos aliás numa época em que a universalidade do espírito está fortemente consolidada, e a singularidade, como convém tomou-se tanto mais insignificante...”.

⁸ A bioética secular é uma idéia que deriva do projeto filosófico moderno - isto é, da busca de uma moralidade dotada de conteúdo, distinta das moralidades religiosas tradicionais - que se acentua com o desenvolvimento das ciências biomédicas, a partir dos limites da discussão bioética nos seus diferentes níveis de tematização.

De forma que, este *espírito* nada mais é do que a expressão da subjetividade latente, ou seja, a dimensão estruturante das crenças e valores, constitutiva do horizonte ético, no qual a bioética se encontra, dentro de um contexto de evolução sócio-cultural.

Assim, partindo do holograma recursivo da dialógica cultura e subjetividade, a *metabioética* revela uma perspectiva de exame que penetra a configuração do campo nacional da bioética, imanente ao seu próprio contexto. De modo que, a interrelação das esferas da cultura e da subjetividade, aponta para um plano comum a multiplicidade do horizonte da bioética e ao mesmo tempo revela a imagem como objeto de investigação da *metabioética*, articulada em torno da configuração do campo nacional.

Referências Bibliográficas

- ALLIEZ, Eric. *A assinatura do mundo: o que é a filosofia de Deleuze e Guattari*. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- BADIOU, Alain. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Tradução por Antonio Transito. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- DELEUZE, Gilles e Felix Guattari. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: 34, 1992.
- ENGELHARDT, H. Tristan. *Los fundamentos de la bioética*. Tradução por Olga Domingues. Barcelona: Paidós, 1995.
- HEGEL, Georg W. F. *Fenomenologia do espírito*. Tradução por Paulo Menezes. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LEPARGNEUR, Hubert. *Bioética, novo conceito a caminho do consenso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MAINETTI, José A. *Bioética sistemática*. La Plata: Quirón, 1991.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Tradução por Maria Gabriela de Bragança. Lisboa: Europa-América, 1994.
- _____. *O método IV: As idéias; A sua natureza, vida, habitat e organização*. Tradução por Emilio Campos de Lima. Lisboa: Europa-América, 1992.

- _____. *O método III: O conhecimento do conhecimento/1.*
Tradução por Maria Gabriela de Bragança. Lisboa: Europa-América,
1996.
- SGRECCIA, Elio. *Manual de bioética I: Fundamentos e ética
biomédica.* Tradução por Orlando Soares Moreira. São Paulo:
Loyola, 1996.